La Comédiathèque



Uma herança pesada

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Uma herança pesada

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Alex acaba de herdar um magnífico apartamento num dos bairros elegantes de Paris, deixado por uma tia-avó cuja existência desconhecia. Vai visitá-lo com a companheira Clara. Mas os segredos de família são como os cadáveres: mais cedo ou mais tarde, acabam por vir à superfície...

14 personagens
Alex, editor literário
Clara, professora de inglês
Senhora Sanchez, porteira
Senhora Martin, administradora do condomínio
Doutora Bernard, médica
Senhor Petit, advogado
Sam, prostituta ou travesti
Coronel Leroy, oficial de cavalaria
Padre Dessaint, sacerdote afastado da Igreja
Baronesa de la Cour
Senhora Zarbi, psicanalista
Ângela, pintora
Senhor Crampon, mediador de seguros
Senhora Crampon, sua mulher

Distribuição indicativa: 5 homens / 9 mulheres
Como muitos papéis podem ser masculinos ou femininos,
a distribuição é bastante flexível:
3H/11M, 4H/10M, 5H/9M, 6H/8M, 7H/7M, 8H/6M, 9H/5M…

© La Comédiathèque

Uma sala com um grande janelão de onde se imagina ver os telhados de Paris, do lado da plateia. Uma porta dá para um terraço; outra, para um corredor que conduz à entrada. O mobiliário e a decoração são antiquados, para não dizer kitsch. Ao fundo, dentro de uma moldura monumental, um retrato anterior à Segunda Guerra Mundial representa um jovem militar com certas parecenças com o marechal Pétain, futuro chefe do regime francês colaboracionista.

Alex *(fora de cena)* – Espera, tenho de desligar o alarme. Se não o fizer nos próximos trinta segundos, acordamos o prédio inteiro e a polícia leva-nos como se fôssemos ladrões... Merda, qual era o código? Ah, sim, 14-18...

Clara entra. Pára à porta, observa a sala e solta uma exclamação entre a admiração e o espanto.

Clara – Uau!

Avança para o interior. Alex entra atrás dela.

Alex – Eu avisei-te que a casa precisava de umas obras...

Clara – Falas como um agente imobiliário. Não te esqueças de que és tu o proprietário.

Alex – Ainda nem acredito... Mas espera até veres isto.

Conduz Clara até à janela para contemplarem a vista. Desta vez, ela fica genuinamente maravilhada.

Clara – Uau!

Alex – E do terraço, se te debruçares um bocadinho, até se vê a Torre Eiffel.

Clara – Isto vai ser uma mudança e tanto. Da nossa antiga casa, sem nos debruçarmos, víamos apenas o cemitério.

Alex aproxima-se e abraça-a.

Alex – Então? Aceitas passar a primeira noite comigo na nossa nova casa?

Clara – Tudo isto é muito excitante... Mas, antes de te dar uma resposta definitiva, quero ver a cama da tua bisavó.

Alex – Não era minha bisavó. Era a minha tia-avó Germaine.

Clara – Germaine? Até o nome cheira a naftalina.

Alex – Germaine era o nome próprio dela. Era a irmã mais velha da minha avó.

Clara – Do lado do teu pai?

Alex – Não, do lado da minha mãe. Pelo menos, é o que dizem...

Clara percorre a sala.

Clara – E nunca a conheceste?

Alex – Nem sequer sabia que a minha avó tinha uma irmã.

Clara – É incrível...

Alex – O quê?

Clara – Os teus pais nunca te terem falado dessa tia Germaine...

Alex – Pois...

Clara – E agora herdas o apartamento dela.

Alex – Parece que não tinha filhos. Como os meus pais também já morreram, o notário disse-me que sou o único herdeiro.

Clara – Não deixa de ser triste... Ela viveu aqui todos estes anos, a duas estações de metro da editora onde trabalhas. E só soubeste que existia quando morreu...

Alex – Nem sequer me avisaram do funeral. Quando recebi a carta do notário, já tinha sido enterrada.

Clara pega numa fotografia emoldurada que está sobre uma mesinha.

Clara – É ela?

Alex – Suponho que sim...

Clara – Era bonita... quando era nova.

Alex – Pois era.

Clara – E não sentes mais nada?

Alex – Como assim?

Clara – Nunca a conheceste e agora já não poderás conhecê-la. Tudo o que te resta é uma fotografia...

Alex – E o apartamento.

Clara – Não te faz impressão que a tua tia Germaine tenha morrido?

Alex – Faz, claro que faz. Garanto-te.

Clara – O quê?

Alex – Para ser sincero? Sinto que me saiu a lotaria.

Clara pousa a fotografia.

Clara – Não vamos ter saudades do nosso minúsculo apartamento nos arredores.

Alex – Adeus, viagens intermináveis de comboio! Vou poder ir trabalhar a pé!

Clara – E eu de bicicleta. Só tenho de atravessar o Sena para chegar à escola.

Alex – Sem pagar renda! Em pleno centro de Paris, no último andar de um magnífico prédio antigo, com terraço e elevador.

Clara – Já estás outra vez a falar como um agente imobiliário.

Alex – E tem lugar de estacionamento!

Clara – Nós não temos carro...

Alex – Estás a brincar? Sabes quanto se pode cobrar por um lugar de estacionamento aqui?

Clara – Quanto?

Alex – Não sei ao certo, mas deve render pelo menos metade do meu ordenado.

Clara – Alugas o lugar, passas a trabalhar a meio tempo e começas finalmente a escrever o teu primeiro romance. Não vais passar a vida a publicar os livros dos outros.

Alex – Primeiro precisava de encontrar uma história...

Clara – Podias contar a da tua misteriosa avó.

Alex – Tia-avó.

Clara – Uma mulher quase centenária, que devia ter vinte e poucos anos durante a Segunda Guerra Mundial. Aposto que há aí matéria para um romance.

Clara volta a examinar a sala.

Alex – É verdade que o ambiente tem qualquer coisa de pesado...

Clara – Diria mesmo sufocante. Parece que o fantasma de Germaine ainda anda por aqui.

Alex – Talvez devêssemos chamar um exorcista antes de nos mudarmos.

Clara – Achas?

Alex – Primeiro livramo-nos destas velharias e damos uma pintura às paredes.

Clara – A casa é um bocado sombria.

Alex volta a aproximar-se da janela.

Alex – Mas olha para esta vista! Milhares de telhados a perder de vista.

Clara – E atrás de cada janela, pessoas com as suas histórias, os seus destinos.

Alex – É um cenário de romance.

Clara – Paris...

Alex – A cidade mais bonita do mundo.

Clara – E a mais romântica.

Alex – Milhares de apartamentos, milhões de pessoas, milhares de milhões de histórias a acontecer neste preciso instante.

Clara – Uns devem estar a pedir alguém em casamento...

Alex – Outros a acabar uma relação.

Clara – Há bebés a nascer...

Alex – E velhos a bater a bota, como a tia Germaine.

Clara – Uns a lavar a loiça...

Alex – E outros a fazer amor...

Começam a abraçar-se, mas a campainha interrompe-os.

Clara – Quem será?

Alex – Não faço ideia. Não conheço ninguém neste prédio.

Clara – O fantasma da tia Germaine?

Alex – Vou ver.

Clara – Queres que vá contigo?

Alex – Não é preciso. Mas se não voltar dentro de cinco minutos, chama um exorcista, está bem?

Alex sai. Clara observa, intrigada, o retrato.

Alex *(fora de cena)* – Ah, sim... Não, de maneira nenhuma... Faça favor de entrar.

Alex regressa acompanhado da senhora Martin.

Martin – Espero não incomodar. Foi a senhora Sanchez, a porteira, que me disse que o viu subir com a sua senhora. *(Ao ver Clara)* Quer dizer, não sei se é sua mulher... Boa tarde, menina.

Clara – Boa tarde.

Alex – Clara, apresento-te a senhora Martin, nossa vizinha e administradora do condomínio.

Martin *(com solenidade)* – Meu caro senhor, em nome de todos os proprietários deste prédio que tenho a honra de representar, aceite as nossas mais sinceras condolências.

Alex – Obrigado, mas sabe...

Martin – A sua tia era uma pessoa extraordinária. Tinha um feitio muito próprio, é verdade, mas era encantadora. Todos os vizinhos gostavam muito dela.

Alex – Fico muito contente por ouvir isso, a sério.

Martin – Germaine era muito mais do que uma vizinha. Fazíamos-lhe as compras, ajudávamo-la com a papelada, trocávamos pequenos favores...

Clara – A sério?

Martin – Fazíamos tudo para que não se sentisse sozinha. Como sabe, recebia poucas visitas. Rodeávamo-la de carinho todos os dias. E ela sabia retribuí-lo, garanto-lhe.

Alex – Sim, isso é... muito bonito.

Martin – Para Germaine, éramos como uma família. Nem sabia que ela tinha outra. Nunca me falou de nenhum familiar.

Alex – Não me admira. Eu próprio mal sabia da existência dela.

Martin – Pois... Também não me lembro de o ter visto no funeral.

Alex – A verdade é que eu...

Clara, irritada com o interrogatório, intervém.

Clara – Mas certamente não veio só conversar e não queremos fazê-la perder tempo. Talvez precisasse de alguma coisa? Um saca-rolhas, sal, fósforos...?

Alex – Ou um abre-latas?

Martin – O saca-rolhas até não anda longe... Mas é um assunto delicado, dadas as circunstâncias.

Clara – Desembuche.

Martin *(a pigarrear)* – Desculpem... Parece que tenho uma rolha na garganta.

Alex – Quer beber alguma coisa?

Clara lança-lhe um olhar reprovador.

Clara – Nem sei se temos alguma coisa para lhe oferecer.

Martin – Um copo de água chega, obrigada.

Clara – Nem sei onde fica o frigorífico...

Martin – Não se incomode, a água da torneira é ótima neste bairro. Não vale a pena carregar garrafas até ao último andar, mesmo com elevador. *(Alex e Clara esperam que vá ao assunto.)* A cozinha é a segunda porta à esquerda. Os copos estão no armário de cima.

Clara sai, contrariada.

Martin – Pois bem... Hoje é a Festa dos Vizinhos e, desde que existe esta tradição, a sua tia fez sempre questão de organizar a festa aqui em casa.

Alex – Estou a ver...

Martin – Provavelmente por causa deste terraço e da vista sobre Paris.

Alex – Pois, provavelmente...

Martin – É, sem dúvida, o apartamento mais bonito do prédio. E como Germaine vivia sozinha, a festa fazia-lhe companhia.

Alex – Infelizmente, agora está morta, não é?

Martin – Claro... Mas de certeza que teria gostado de nos ver a todos reunidos aqui esta noite, uma última vez.

Alex – É que nós... Não estávamos a contar com isso.

Martin – Não se preocupe, tratamos de tudo. Como sempre. Quero dizer, como fazíamos com a sua tia Germaine.

Clara regressa com um copo de água e entrega-o à senhora Martin.

Martin – Muito obrigada.

Clara – De nada.

Martin pousa o copo sem beber.

Martin – Como estava a dizer ao seu marido...

Clara – Ainda não somos casados, se era isso que queria saber.

Alex intervém para aliviar a tensão.

Alex – A senhora Martin veio convidar-nos para a Festa dos Vizinhos.

Clara – Ah, sim? Que amabilidade... *(Surpreendida)* Mas quando?

Martin – Ora... Hoje mesmo!

Alex – Só que... a ideia é fazê-lo cá em casa.

Clara – Em nossa casa? Queres dizer aqui?

Martin – Podemos dizer que é uma espécie de festa de despedida.

Alex – Mas nós acabámos de chegar.

Martin – Quero dizer, uma despedida da Germaine. Até porque não puderam ir ao funeral...

Alex – Pois, claro...

Martin – Sendo assim, já que estão de acordo, fica combinado. Nem sei como agradecer-vos.

Alex e Clara, apanhados de surpresa, trocam um olhar embaraçado.

Alex – Não tem de quê...

Martin – E então, tencionam vir morar para este apartamento?

Alex – Bem... Sim... Quer dizer...

Martin – Assim aproveitam para conhecer todos os vizinhos. Matam dois coelhos de uma cajadada.

Alex – Sim, porque não...

Martin – Bom, vou andando. Ainda tenho de acabar os preparativos da receção. Até logo?

Alex – Até logo.

Alex prepara-se para a acompanhar.

Alex – Eu levo-a à porta.

Martin – Não se incomode. Conheço o caminho.

Alex – Está bem...

Martin sai. Alex e Clara olham um para o outro, perplexos.

Alex – Acho que ela nos encostou um bocadinho à parede, não achas?

Clara – Achas? Também não te defendeste grande coisa.

Alex – Deixaste-me sozinho com ela!

Clara – Mandaste-me buscar-lhe um copo de água! Que nem sequer bebeu!

Alex – Ainda nem nos mudámos e não vamos começar por nos zangar com os vizinhos.

Clara – Daí a deixá-los invadir-nos a casa logo no primeiro dia...

Alex – Tens razão. Ela deu-nos a volta com a história da Festa dos Vizinhos.

Clara – E a Festa dos Vizinhos costuma ser na primavera, não em dezembro.

Alex – A sério?

Clara – Pensei que soubesses!

Alex – E como é que havia de saber?

Clara – Toda a gente sabe que a Festa dos Vizinhos não é no fim de dezembro! No fim de dezembro é o Natal. Isso ainda sabes, espero!

Alex – Mas porque raio é que fazem a festa em dezembro?

Clara – Outra tradição, pelos vistos. Como fazê-lo em nossa casa. Começamos bem...

Alex – Vejamos o lado positivo: ficamos a conhecer os vizinhos todos de uma só vez.

Clara – Não era assim tão urgente. Acabámos de chegar.

Alex – Agora somos condóminos. Temos de aceitar algumas obrigações.

Clara – Tu és condómino.

Alex – De qualquer maneira, vamos ter de lidar com eles para gerir o prédio. E é a senhora Martin que administra o condomínio. Não podia despachá-la assim.

Clara – A senhora Martin... Aposto que manda até no elevador.

Alex – Ao menos escusamos de fazer a festa de inauguração da casa. Ela disse que tratam de tudo.

Clara – Isso já percebi. Tratam de tudo, até do que não lhes diz respeito. Tenho um mau pressentimento em relação a este condomínio.

Alex – Logo se vê. Se não forem simpáticos, não voltamos a convidá-los.

Clara – Foram eles que se convidaram!

Alex *(abraçando-a)* – Vá lá... Não vamos discutir por tão pouco.

Clara – Tens razão. O importante é estarmos finalmente na nossa casa.

Alex – Continuamos a visita?

Clara *(voltando-se para o retrato)* – E este sujeito? É o teu tio-avô? O marido de Germaine?

Alex – Não faço ideia.

Os dois contemplam o retrato.

Clara – Com aquele bigode, não te faz lembrar o marechal Pétain?

Alex – Os militares daquela época eram todos parecidos. E os bigodes estavam na moda. Mas parece muito novo, não achas?

Clara – Pétain também foi novo um dia...

Alex – Pois é. Custa imaginar os ditadores antes de terem bigode: Pétain um rapaz imberbe, Estaline um adolescente com borbulhas e Hitler um bebé de bochechas rosadas.

Clara – Seja como for, duvido que seja uma obra-prima, apesar daquela moldura.

Alex – Que pena. Ajudava a pagar os impostos da herança.

Clara – Os impostos?

Alex – O apartamento não me vai sair totalmente de graça. Como era uma parente afastada, o imposto é elevado. E Germaine não deixou dinheiro no banco.

Clara – E de quanto estamos a falar?

Alex – O notário ainda não me deu os valores. Na pior das hipóteses, peço um empréstimo. Continua a ser melhor do que pagar renda.

Clara – Começo a desconfiar de que isto não vai ser tão simples como pensávamos.

Alex – Queres ver o terraço?

Clara *(com segundas intenções)* – E se me mostrasses primeiro o quarto?

Alex – Está bem...

Alex pega-lhe na mão para a levar para o corredor, mas a campainha interrompe-os novamente.

Clara – Outra vez?

Alex – Deixa tocar. Não somos obrigados a abrir.

Clara – Acabaste de convidar o prédio todo para a Festa dos Vizinhos! Agora não podemos deixá-los à porta.

Alex – Achas que já são eles?

Clara – Quem mais podia ser? O Pai Natal?

Alex – Eu vou.

Clara – Deixa, desta vez vou eu.

Alex *(inquieto)* – Tenta ser simpática, pelo menos.

Clara – Serei a anfitriã perfeita, prometo.

Alex – Está bem.

Clara sai. Alex suspira e observa o retrato. Toca o telefone fixo, um aparelho antigo. Ele hesita antes de atender.

Alex – Estou?... Sim, é aqui... Não, sou o sobrinho-neto... A festa dos vizinhos? Sim, é aqui... Está bem, até já...

Desliga. Clara regressa com a senhora Martin, que transporta uma grande taça de sangria, e a doutora Bernard, que traz uma tarte de cebola.

Martin – E aqui está a sangria!

Bernard – Boa tarde! Fiz uma tarte de cebola!

Martin – No ano passado não era de alho-francês?

Bernard – Pensei em variar. E, para ser sincera, não tinha alho-francês em casa. Espero que gostem de cebola!

Martin – Mas, doutora, toda a gente gosta de cebola! E faz muito bem à saúde. Eu ponho-a em tudo.

Bernard – Espero que não a tenha posto na sangria.

As duas desatam a rir estupidamente, sob o olhar horrorizado de Alex e Clara.

Martin – Que falta de educação a minha! Esta é a doutora Bernard, que tem consultório no andar de baixo. É muito prático ter uma médica no prédio. Também temos um dentista, mas está atualmente morto. Quero dizer, reformou-se no mês passado e ainda não arranjámos substituto.

Bernard – Muito prazer.

Alex – Doutora...

Bernard – Tratem-me por Anne-Marie. Mas não sei se ouvi os vossos nomes...

Clara – Clara.

Alex – E eu sou Alex.

Bernard – Minha querida Clara, podia desocupar aquela mesa? Vamos instalar ali o bufete.

Clara retira, automaticamente, o vaso chinês que está sobre a mesa.

Martin – Alex, há de haver uma toalha naquela cómoda, se não se importa. Fica mais apresentável.

Alex abre a cómoda, mas não encontra nada.

Bernard – Na gaveta de baixo.

Alex tira a toalha e estende-a. Martin coloca a sangria sobre a mesa, e Bernard pousa a tarte.

Martin – Pronto. Os convidados podem vir servir-se aqui. Não sei onde se meteram... Entretanto, podem aproveitar o terraço.

Alex – Muito bem...

Bernard – Afinal de contas, estão na vossa casa.

Clara – Obrigada por nos lembrar disso.

A campainha volta a tocar.

Bernard – Está a ver? Por uma vez, até chegaram a horas.

Martin – Vou abrir. Depois deixo a porta aberta, senão não faço mais nada a noite inteira.

Sai. Trocam-se sorrisos um pouco embaraçados.

Bernard – Fui eu que acompanhei a vossa tia nos últimos momentos.

Alex – Ah, sim. Infelizmente não tive o prazer de... Quero dizer...

Clara – E de que morreu exatamente?

Bernard – Meu Deus... Depois dos noventa, é preciso morrer de alguma doença específica? De qualquer modo, garanto-vos que não sofreu.

Entram o senhor e a senhora Crampon, um com uma salada de cuscuz e a outra com uma salada de endívias, seguidos por Martin.

Sr. Crampon – Boa tarde. Desculpem não vos apertar a mão, mas estou ocupado com isto... Onde posso pousar?

Sra. Crampon – Não vês que o bufete está ali? Como sempre!

Pousam os pratos e voltam-se para Alex e Clara.

Sr. Crampon – Jacques Crampon, corretor de seguros. E esta é a minha mulher, Josiane.

Sra. Crampon – Vocês são o Alex e a Clara, não é?

Clara – As notícias correm depressa por aqui.

Sr. Crampon – Antes de vir trabalhar neste prédio, a senhora Sanchez trabalhava na Alemanha Oriental, para a polícia secreta.

Sra. Crampon – Pensei que fosse portuguesa...

Sr. Crampon – Estou a brincar, Josiane! A brincar!

Sra. Crampon – Fiz uma salada de cuscuz e outra de endívias.

Sr. Crampon – Espero que gostem de endívias.

Sra. Crampon – Porque dizes isso?

Sr. Crampon – Porque eu as detesto.

Sra. Crampon – Foi por isso que fiz outra salada. Mas as endívias são ótimas e estão na época. Gosta de endívias, Alex?

Alex – Sim, mais ou menos...

Sr. Crampon – Nem sabia que havia uma época para as endívias. Pensei que houvesse o ano inteiro.

Sra. Crampon – Estas são com queijo Roquefort. Deliciosas, e muito saudáveis, não é, doutora?

Bernard – Em toda a minha carreira nunca vi um doente morrer depois de comer endívias com Roquefort.

Sr. Crampon – É porque nunca provaram as da minha mulher.

A senhora Crampon fulmina-o com o olhar.

Sr. Crampon – Estou a brincar, Josiane! Viemos para nos divertirmos, não foi? Entre vizinhos!

Clara – Pois... Estamos a começar muito bem.

O telefone fixo toca. Antes que Alex possa reagir, Martin atende automaticamente.

Martin – Estou? Ah, é o senhor padre... Claro, compreendo... Não há problema, esperamos por si. Até já.

Desliga perante o espanto de Clara e Alex.

Martin – Era o padre Dessaint. Vem já, mas teve uma urgência: uma extrema-unção.

Clara – O padre Dessaint?

Martin – Sim, é realmente um santo homem.

Sr. Crampon – Vive no rés-do-chão, desde que a diocese vendeu a casa paroquial a um casal de homens que a transformou numa pensão gay-friendly.

Bernard – A Igreja também está em crise. Já tem de vender as joias da família.

Martin – Nem imagina como tem razão... Às vezes parece que vivemos em Sodoma.

Silêncio constrangido.

Bernard – Sirvo-vos alguma coisa para começarmos?

Sr. Crampon – Vá lá! Que comece a festa!

Martin – Sangria?

Sra. Crampon – Sangria.

Martin – Muito bem, sangria para todos!

Sr. Crampon – E ao menos para a sangria não é preciso saca-rolhas!

Todos desatam a rir, menos Alex e Clara.

Bernard – É uma piada nossa. Germaine nunca sabia onde tinha deixado o saca-rolhas.

Voltam todos a rir. Alex e Clara esboçam um sorriso e trocam um olhar preocupado.

Martin – Nos últimos tempos, a pobre Germaine já estava a perder um bocadinho a cabeça...

Bernard – Com quase cem anos, é natural que a memória falhe. De resto, estava ótima para a idade, garanto-vos.

Clara – Portanto, morreu de perfeita saúde, doutora?

Um momento embaraçoso é interrompido pela chegada do padre Dessaint e da baronesa de la Cour.

Dessaint – Boa tarde a todos! Sejam bem-vindos, novos vizinhos!

Sr. Crampon – Ah, chegou o senhor Amendoim!

Alex – Senhor Amendoim, muito prazer.

Os vizinhos voltam a rir.

Bernard – São impagáveis...

Martin – É outra piada nossa. O padre aparece todos os anos na festa com um pacote de amendoins.

Dessaint – E cá estão eles! Há que respeitar as tradições.

Tira um pacote de amendoins do bolso, coloca-o no bufete e cumprimenta Alex e Clara.

Dessaint – Sou o padre Dessaint. E esta é a baronesa de la Cour.

Sra. Crampon – Que, também como de costume, não trouxe nada, imagino.

Baronesa – Há sempre comida a mais. Todos acabam por levar as sobras para casa. Mais vale começar por elas!

Nova gargalhada.

Martin – Isto promete ser uma noite divertidíssima!

Dessaint – Sobretudo porque este ano a Festa dos Vizinhos tem um significado muito especial para todos nós.

Martin – É verdade. Por momentos esqueci-me da nossa pobre Germaine.

Dessaint – É comovente estarmos reunidos em casa dela. A qualquer momento espero vê-la entrar por aquela porta com o seu delicioso bolo de nozes, cuja receita guardava tão bem...

Sra. Crampon – A sua tia tinha muitos segredos...

Alex – Bem sei. Até conseguiu esconder-me que existia.

Dessaint – Tive o privilégio de lhe administrar os últimos sacramentos antes de Deus a chamar a si. Ao menos partiu com o conforto da religião.

Alex – Sim... Que consolo.

Clara – Então era muito religiosa...

Dessaint – Religiosa? Era uma verdadeira militante.

Martin – Quando aprovaram o casamento entre pessoas do mesmo sexo, foi das primeiras a ir protestar à rua. Tinha um ódio santo aos homossexuais!

Clara – A sério?

Alex e Clara ficam estarrecidos.

Bernard – Ah, eram bons tempos...

Sra. Crampon – Ao menos estávamos unidos na defesa dos nossos valores.

Martin – E fazíamos ótimos piqueniques nos jardins de Paris, com aquele excelente vinho da missa. Não é verdade, padre?

Dessaint – Acho que Germaine iria querer que celebrássemos também este ano a amizade e a alegria de estarmos juntos. *(Ergue o copo.)* À memória desta mulher extraordinária!

Erguem os copos e bebem. A entrada de Ângela, vestida de estilo gótico, arrefece o ambiente.

Martin – Ah, meus amigos, chegou a Ângela.

Ângela – Olá, velharias. Há alguma coisa para beber? Estou a ressacar...

Martin – Ângela é pintora e tem o ateliê no rés-do-chão.

Bernard – Senhora Crampon, importa-se de servir à menina Ângela um copo de sangue?

Sra. Crampon – Quer dizer sangria, decerto.

Bernard – Não foi isso que eu disse?

A senhora Crampon entrega-lhe um copo. Ângela bebe-o de um trago, sob o olhar reprovador dos vizinhos.

Ângela – Ah... Estava morta de sede.

Clara – Que tipo de pintura faz? Abstrata? Figurativa?

Ângela – Estou na minha fase vermelha.

Alex – Ah, como Picasso, na sua fase azul?

Ângela – Não. Quero dizer que ultimamente só funciono a vinho tinto. De resto, quase não pinto.

Risos forçados.

Martin – Sabem como são os artistas...

Dessaint – Vamos até ao terraço?

Sr. Crampon – Com todo o gosto.

Saem todos, deixando Alex e Clara com Ângela.

Ângela – Não se preocupem, não sou vampira, apesar do aspeto. Os verdadeiros chupadores de sangue são os outros.

Clara – A sério?

Ângela – Sabem como morreu a vossa avó?

Alex – Era a minha tia-avó. Já era muito idosa. Sinceramente, nem me ocorreu fazer essa pergunta.

Ângela – Germaine estava cheia de saúde. Podia ter chegado aos cem anos.

Clara – Esse «podia» parece esconder uma suspeita...

Alex – Alguém teria motivos para querer mal à minha tia?

Ângela evita responder, com um sorriso enigmático.

Ângela – Gostam daquele retrato?

Alex – É bastante pomposo, não acha?

Ângela – Pintei-o eu.

Clara – Mas até é um quadro muito bonito. Tem qualquer coisa de...

Ângela – Não se esforce. Germaine encomendou-mo.

Alex – A sério?

Clara – É o noivo dela da época?

Ângela – Para pintar o retrato, Germaine deu-me uma fotografia do marechal Pétain, o militar francês que viria a chefiar o regime colaboracionista durante a ocupação nazi. Na fotografia, ainda era coronel.

A baronesa regressa.

Baronesa – Não liguem a mim.

A baronesa enche a mala com várias iguarias do bufete. Depois serve-se de sangria, prova-a e faz uma careta de nojo.

Baronesa – Sangria... Que vulgaridade.

Sai novamente.

Clara – É mesmo baronesa?

Ângela – Quem sabe? Aqui ninguém parece ser aquilo que diz.

Silêncio.

Clara – Sabe alguma coisa sobre a morte de Germaine que nos devesse contar?

Alex – Pensava que tinha morrido de um ataque cardíaco.

Ângela – Não tenho provas, mas pelos vistos há versões diferentes sobre as circunstâncias da morte.

Clara – Que versões?

Ângela – A porteira diz que a encontraram no pátio.

Alex – Pensava que tinha morrido na cama.

Ângela – Sete andares...

Clara – Se o elevador estivesse avariado e ela tivesse ido pelas escadas... Com aquela idade, talvez o coração não aguentasse.

Ângela – Pelo estado em que encontraram o corpo, não me parece que tenha descido pelas escadas. Nem pelo elevador.

Alex – Ah...

Ângela – A senhora Sanchez disse que estava irreconhecível.

Alex – Tanto mais que nunca a vi.

Clara *(pensativa)* – Uma queda... Do terraço?

Alex – O parapeito é bastante alto. A não ser que o tivesse passado de propósito...

Ângela – Ou alguém a ter ajudado a passar para o outro lado.

Clara – Está a falar de assassínio? É uma acusação grave.

Alex – Mas a doutora Bernard disse que esteve com ela nos últimos momentos...

Ângela – Foi ela quem assinou a certidão de óbito. Talvez por isso não tenha havido investigação. Depois dos noventa anos, a polícia já não está para se incomodar.

Clara – Mas isso é monstruoso...

Ângela – Vou apanhar ar ao terraço. Mas se me encontrarem morta no pátio, fiquem a saber que não foi suicídio.

Sai. Alex e Clara olham-se, consternados.

Alex – Começo a pensar que esta herança talvez não tenha sido uma boa notícia.

Clara – Talvez a Ângela esteja a inventar.

Alex – Quem?

Clara – A Ângela! Não me parece muito equilibrada.

Alex – Digamos que destoa dos outros.

Clara – Mas os outros também não parecem grande coisa. Achas mesmo que mataram a tua tia?

Alex – Porque haviam de o fazer? Gostavam todos tanto dela.

Clara – Pelo menos é o que dizem... E aquele padre? Tenho a impressão de já o ter visto em qualquer lado.

Sam, prostituta ou eventualmente travesti, aparece atrás deles sem ser notada.

Sam – Boa tarde.

Os dois sobressaltam-se.

Clara – Pregou-me um susto!

Sam – Desculpem. A porta estava aberta, entrei. É aqui a Festa dos Vizinhos?

Alex – Sim, quer dizer...

Sam – Vocês devem ser o Alex e a Clara.

Clara – E você é...?

Sam – Sam. Acabei de me mudar para o primeiro andar. Devo destoar um bocado neste prédio, não é? Pelo que vejo, aqui só há gente de profissões liberais.

Alex – Deduzo que não é médica nem advogada...

Sam – E, no entanto, também trabalho por conta própria. Pelo menos para efeitos fiscais.

O senhor Crampon regressa com Martin e Dessaint.

Martin – Mas o que é isto?

Sam – Sou a nova inquilina do andar de baixo.

Martin – Do andar de baixo?

Sam dá dois beijinhos ao senhor Crampon.

Sam – Então, querido, tudo bem?

Sr. Crampon *(embaraçado)* – Ainda bem que a minha mulher não está aqui...

Martin – Mas aquele apartamento está vazio há anos!

Sam – Agora já não está. A porteira disse-me que faziam uma festa e, como também sou nova, achei que podia aproveitar para conhecer os vizinhos.

Sr. Crampon – Fez muito bem!

A senhora Crampon regressa.

Sra. Crampon – Mas o que é isto?

Sr. Crampon – Minha senhora, apresento-lhe a minha mulher, Jeanine.

Sra. Crampon – Chamo-me Josiane.

Sr. Crampon – Claro, desculpa. Jeanine é a minha secretária. Confundo-vos sempre.

Sam – Olá, Josiane, muito prazer. Posso tratá-la por Josiane?

Sra. Crampon – E eu posso tratá-la por senhora?

Sam – Chame-me Sam, por favor.

Sra. Crampon – Sam é diminutivo de quê?

Sam – De nada. É só Sam.

Sra. Crampon – Só Sam... Prefere manter o mistério.

Sr. Crampon – Seja como for, contamos consigo para animar isto. Até agora, a festa está morta... *(Ao ver Alex e Clara)* Desculpem, não estava a falar de Germaine. A morte dela abalou-nos a todos.

Sra. Crampon – Faz impressão estarmos aqui no meio dos móveis dela. Aliás, não sei se é a altura certa, mas Germaine prometeu-me que me deixava esta cómoda quando morresse.

Clara – A sério?

Sr. Crampon – Como mediador de seguros, estou habituado a avaliar mobiliário antigo e garanto-vos que esta cómoda só tem valor sentimental.

Alex – Íamos mudar a decoração antes de nos instalarmos, por isso não vejo inconveniente.

Clara – Se era essa a última vontade de Germaine...

A baronesa regressa.

Baronesa – Pois, e já não está cá para dizer o contrário! A mim prometeu-me aquele vaso chinês. Parece que já pressentia o fim.

Sra. Crampon – A si? Mal a conhecia!

Baronesa – Não é preciso conhecer alguém há muito tempo para o avaliar.

Entra a senhora Sanchez, a porteira.

Sanchez – O vaso chinês? Foi a mim que o prometeu!

Sr. Crampon – Esta é a senhora Sanchez, a nossa porteira.

Sanchez – Mas quem é que ela pensa que é?

Baronesa – Está a pôr a minha palavra em dúvida?

Sanchez – Não se arme em grande senhora. Há três gerações que a minha família é porteira neste prédio.

Baronesa – Três gerações de porteiros? Isso é que é nobreza! Volte para a sua portaria!

Sanchez – E a senhora baronesa vive num palácio? Mora no rés-do-chão, como qualquer pessoa!

Baronesa – Seja como for, o vaso é meu. A velha ofereceu-mo. Gostava muito de conversar comigo.

A baronesa apodera-se do vaso.

Sanchez – É meu! Germaine prometeu-mo! Limpei-lhe a casa durante trinta anos sem nunca partir nada.

A porteira tenta arrancar o vaso das mãos da baronesa.

Dessaint – Minhas senhoras, por favor... Um pouco de compostura.

Baronesa – Larga isso, cabra!

Dessaint – Senhora baronesa, dê o exemplo. São Martinho não deu metade da sua capa a um pobre?

Baronesa – Mas este homem é parvo? Isto é um vaso! Como é que lhe vou dar metade de um vaso?

O vaso cai ao chão e parte-se, perante o horror de Alex e Clara. A tensão desaparece imediatamente.

Dessaint – Pronto, está feito...

Sanchez – Peço imensa desculpa...

Baronesa – Não, a culpa foi minha. Nem sei o que me deu.

Sr. Crampon *(para Alex e Clara)* – Desculpem-nos. Andamos todos um pouco nervosos.

Sra. Crampon – É a emoção. Ainda nos custa fazer o luto da herança de Germaine.

Martin – Quer dizer, da morte de Germaine, não é?

Sr. Crampon – Como vos disse, esta tralha não tem valor comercial. São apenas recordações.

Martin – E as recordações não têm preço, pois não?

Dessaint – Que Deus o tenha...

Sam – Vamos todos apanhar um pouco de ar no terraço.

Saem, deixando Alex e Clara sozinhos.

Clara – São uns malucos perigosos!

Alex – Por momentos pensei que iam matar-se uma à outra.

Clara – Por causa de um vaso!

Alex – Fazemos o inventário deste museu de horrores e depois decidimos. Se cada um levasse uma coisa...

Clara – Poupávamos uma viagem ao lixo.

Alex – Exatamente. Cada vizinho podia escolher um objeto em memória da nossa querida defunta.

Clara – Mais vale sorteá-los, senão temos aqui uma guerra civil.

Alex – Achas que Germaine prometeu o mesmo vaso a duas pessoas de propósito?

Clara – Porque faria isso?

Entra a senhora Zarbi.

Zarbi – Há pessoas que gostam de partir sabendo que deixam uma bela confusão atrás de si. Pode ser um penico que dois herdeiros querem dividir ou a Palestina, disputada há gerações. É uma maneira de alcançar a imortalidade: continuar a atormentar os vivos muito depois de morrer. Assim, ninguém as esquece tão depressa. Sou a senhora Zarbi, psicoterapeuta. Moro no quinto andar.

Clara – Psicanalista? Era o que nos faltava... Mas entre. Quanto mais loucos, mais nos rimos.

Alex – Então conhecia bem a minha tia Germaine. Era sua paciente?

Zarbi – Se fosse, não podia revelar. Sigilo profissional. Mas não era. Pertencia a uma geração que preferia confessar os pecados numa igreja a falar deles num divã.

Alex – E sai muito mais barato.

Zarbi – E é bem menos doloroso. Comigo, ninguém se safa só com dois pais-nossos.

Clara – Pois, para um paciente, o objetivo da análise é às vezes matar o analista.

Zarbi – E já conseguiu matar o seu?

Clara fica embaraçada.

Alex – Seja como for, conhecia Germaine?

Zarbi – Observava-a de longe. Deformação profissional.

Clara – Como não era sua paciente, talvez nos possa falar dela.

Zarbi – São só rumores... que ela própria parecia gostar de espalhar.

Alex – Que espécie de rumores?

Zarbi – Diz-se que escondia um tesouro no apartamento.

Clara – Um tesouro?

Zarbi – Segundo a porteira, o falecido marido de Germaine fez fortuna no mercado negro durante a Segunda Guerra Mundial, com a cumplicidade dos ocupantes alemães.

Alex – E depois da libertação da França tiveram de esconder o dinheiro sujo...

Zarbi – Dizem que foi nessa época que comprou o apartamento. Os antigos proprietários desapareceram depois de serem presos pela polícia política nazi, na sequência de uma denúncia.

Clara – A sério?

Alex – Mas ninguém sabe o que era o tesouro, nem onde está escondido.

Zarbi – Se é que existe, claro.

Clara – Mas se era ela própria a alimentar o boato, porque é que havia de querer passar por colaboracionista dos nazis?

Zarbi – Talvez gostasse que se pensasse que tinha uma fortuna secreta, que um dia poderia deixar a quem a tratasse com carinho...

Clara – Estou a perceber.

Zarbi – Vou ter com os outros ao terraço, como todos os anos.

Zarbi sai.

Clara – A tua tia Germaine é cada vez mais simpática...

Alex – E a herança cada vez mais suspeita.

Clara – Não admira que a família tivesse cortado relações com ela.

Alex – E se os vizinhos estiverem todos à procura do tesouro?

Clara – Daí quererem levar lembranças.

Alex – Talvez houvesse qualquer coisa dentro do vaso...

Clara – Teríamos visto quando se partiu.

Alex – E se a cómoda tiver um fundo falso?

Clara – Ou debaixo daquela pintura horrível houver uma obra-prima.

Alex – Ou alguém já encontrou o tesouro.

Clara – E depois livraram-se da velha para dividir o saque.

Alex – Então porque vieram todos cá esta noite?

Clara – Ainda não conseguiram ficar com o apartamento.

Alex – E nós estamos a estragar-lhes os planos.

Uma pausa.

Clara – Se calhar também nos denunciam à polícia.

Alex – Mas não fizemos nada de mal.

Clara – E os judeus que a tua tia denunciou? Também achas que fizeram alguma coisa de mal?

Alex – Achas que eram judeus?

Clara – É bem provável.

Alex – Seja como for, já não estamos sob ocupação nazi! E nós nem sequer somos judeus.

Clara – Fala por ti.

Alex – És judia?

Clara – Porque não? Isso incomoda-te?

Alex – Não, nada disso. Só não sabia.

Clara – Digamos que tenho... ascendência judaica.

Alex – Ascendência? Bem vistas as coisas, todos temos, não é? Quero dizer, antes do cristianismo havia o judaísmo. Até Jesus era judeu.

Clara – Portanto, na tua cabeça, todos os povos antigos eram judeus.

Alex – Não foi isso que eu disse... Então tens ascendência judaica? Não fazia ideia.

Clara – Há uma semana também não sabias que tinhas ascendência antissemita.

Alex – Não digas disparates! Não sou responsável pelo que a minha tia fez durante a guerra. Eu nem sequer era nascido!

Clara – Saber que ela pode ter denunciado judeus para lhes roubar a casa, e que agora nós vamos viver nela porque a herdaste... Isso incomoda-me.

Silêncio.

Alex – Estamos a ficar completamente paranoicos.

Clara – Tens razão. Afinal, é só a Festa dos Vizinhos.

Alex – Ou então puseram alguma coisa na sangria.

Clara – Vamos ver o que andam a conspirar lá fora.

Alex – Achas?

Clara – Estamos na nossa casa, não estamos?

Alex – Se tu o dizes...

Saem. Sam entra e começa a revistar a sala. A senhora Sanchez regressa e apanha-a em flagrante.

Sanchez – Ora, não se acanhe...

Sam – Senhora Sanchez, está enganada. Não sou quem pensa.

Sanchez – Já me tinha apercebido disso.

Sam – A si posso contar. Somos quase colegas de profissão.

Sanchez – Colegas de quê? Não tenha vergonha, chame-me puta também!

Sam mostra-lhe uma identificação policial.

Sam – Inspetor Ramírez.

Sanchez – Inspetor?

Sam põe um dedo nos lábios, pedindo silêncio.

Sam – Estou aqui... infiltrada.

Sanchez – Infiltrada? Há infiltrações neste prédio?

Sam – Disfarçada, mulher! Sob uma identidade falsa. Percebe?

Sanchez – Ah, sim...

Sam – Temos motivos para suspeitar que a velha... Como era o nome dela?

Sanchez – Germaine.

Sam – Exato. Achamos que Germaine não morreu de morte natural.

Sanchez – Ah, não?

Sam – Talvez tenha sido assassinada. Ainda não há provas e estou aqui a investigar.

Sanchez – Muito bem...

Sam – Para porteira, não é muito faladora.

Sanchez – Não.

Sam – E sabe alguma coisa?

Sanchez – Não.

Sam – Sinto que me vai ser de uma ajuda preciosa. Sabe como Germaine morreu?

Sanchez – Foi um acidente, não foi?

Sam – Quem sabe? Quando um dos possíveis assassinos assina a certidão de óbito e outro lhe dá logo a extrema-unção...

Sanchez – Pois...

Sam – E sobre o tesouro que ela teria escondido no apartamento? Também não sabe nada?

Sanchez – Não.

Sam – Vamos para o terraço, antes que deem pela nossa falta. Se souber de alguma coisa, vem logo contar-me. Combinado?

Sanchez – Combinado.

Sam – A partir de agora, é minha assistente, Sanchez.

Saem. Entram o coronel Leroy e o senhor Petit, advogado.

Petit – Não está ninguém.

Leroy – Mas o bufete está aqui, como todos os anos.

Petit – Devem estar no terraço.

Leroy – Então aproveitemos para beber um copo.

Petit – Sangria?

Leroy – Porque não?

Petit – Também não vejo mais nada.

Brindam e bebem.

Leroy – A sangria da senhora Martin continua tão intragável como sempre.

Petit – Ano após ano...

Voltam a beber.

Leroy – Pergunto-me se aquele maldito padre não saberá alguma coisa.

Petit – O padre Dessaint? Acha?

Leroy – Era o confessor da velha, não era?

Petit – Acha que aquele hipócrita nos pode passar a perna?

Leroy – Como é que se confia num padre?

Petit – Sobretudo num padre expulso da Igreja.

Leroy – Porque é que o bispo o obrigou a sair? Diz que se demitiu, mas não acredito.

Petit – Com a falta de padres que há, a Igreja só dispensa um se ele tiver feito alguma coisa muito grave.

Leroy – Claro. Não os despedem por uma simples história de pedofilia.

Petit – Talvez insistisse em celebrar a missa em latim.

Leroy – O senhor é advogado dele. Deve saber alguma coisa.

Petit – Segredo profissional.

Leroy – Comigo não precisa dessas cerimónias.

Petit – Era advogado dele, não confessor.

Leroy – Seja como for, sabe onde a velha escondeu a fortuna. Eu faço-o confessar-se, vai ver.

Petit – Não exagere. Já temos a morte da velha às costas.

Leroy – Não se preocupe, vou usar a psicologia. E não vão ficar marcas.

Petit – Quem mais pode saber do dinheiro?

Leroy – O agente de seguros?

Petit – Duvido. Germaine tinha boas razões para desconfiar dele.

Leroy – Sabe porque é que ele esteve preso?

Petit – Cobrava aos clientes os prémios de seguro, mas, em vez de lhes segurar os bens, metia o dinheiro ao bolso.

Leroy – É um homem do meu género, então. Também anda metido em esquemas.

Petit – Foi apanhado depois de um incêndio. O cliente quis receber a indemnização e descobriu que não estava segurado.

Leroy – Que azar...

Petit – O pior é que o próprio cliente tinha incendiado a casa de campo porque não a conseguia vender. Contava receber uma boa indemnização.

Leroy – Que idiota... Mas o senhor conhece muito bem o caso.

Petit – Conheço. O idiota era eu.

Leroy – Pois... E temos de nos despachar. Quando aqueles dois imbecis vierem morar para cá, será muito mais difícil revistar a casa.

Leroy abre gavetas e começa a procurar. Petit faz o mesmo. O senhor Crampon regressa com Dessaint.

Sr. Crampon – Estão à procura de alguma coisa?

Petit – Provavelmente do mesmo que o senhor.

Leroy – Era o agente de seguros dela. Deve ter feito o inventário dos bens, não?

Sr. Crampon – Se tinha mesmo um tesouro, fez questão de o deixar fora do inventário.

Leroy – E o senhor, padre? Era o confessor dela!

Dessaint – Infelizmente, meu filho, Germaine não me contava tudo. E, mesmo que contasse, estou obrigado ao segredo da confissão.

Sr. Crampon – Desde que não nos tente passar a perna...

Petit e Crampon procuram por toda a sala.

Dessaint – Tenhamos fé, meus filhos. A Bíblia diz: «Procurai e encontrareis, pedi e recebereis, batei e abrir-se-vos-á.»

Sr. Crampon – E ainda por cima goza connosco!

Leroy aproxima-se de Dessaint com ar ameaçador.

Leroy – Não tem nada que confessar, padre? Confesse-se a mim e dou-lhe a absolvição. Ou, se preferir o martírio, também posso dar-lhe os últimos sacramentos.

Alex e Clara regressam e veem Leroy agarrar o padre pela gola. O coronel larga-o e os outros interrompem a busca.

Petit – Ah, caros amigos! Íamos mesmo ter convosco. Permitam-me apresentar-me: Petit, advogado.

Leroy – Todos os clientes dele acabam atrás das grades...

Petit – E este é o coronel Leroy.

Leroy – Caros vizinhos...

Alex – Perderam alguma coisa?

Petit – Sim... O coronel não sabe onde pôs o telemóvel.

Clara – Então telefone-lhe.

Petit – Para quê? Ele está aqui ao meu lado.

Clara – Para descobrir onde está o telemóvel.

Petit – Ah, pois. Mas não sei se tenho o número dele.

Alex – Pergunte-lhe. Está mesmo aqui ao seu lado.

Petit – Claro... Ah, já encontrei.

Carrega numa tecla. O telemóvel de Leroy toca-lhe no bolso.

Leroy – Que parvoíce, ando à procura dele e está sempre no meu bolso.

Petit – Bem, agora que estamos apresentados...

Momento embaraçoso.

Leroy – Acompanha-me ao terraço, padre? Tenho um problema de consciência para lhe expor.

Dessaint *(desconfiado)* – Se puder ajudá-lo, meu filho...

Saem.

Petit – Vou pôr um pouco de música.

Põe música. Ouvem-se gritos. Petit aumenta o volume.

Petit – Adoro esta passagem. É Chopin, não é?

Clara – É Wagner.

Petit – Claro, estava com o nome na ponta da língua. *(Ouvem-se sons de luta.)* Vou ver o que se passa. O coronel tem um feitio explosivo. Quando discute teologia com o padre, aquece logo.

Sai. Clara baixa o volume.

Clara – É estranho. Tenho mesmo a impressão de conhecer aquele padre de algum lado.

Alex – Onde é que podias ter conhecido um padre?

Clara – Fiz a primeira comunhão, sabes?

Alex – Mas disseste que eras judia!

Clara – Não disse que era judia. É um pouco mais complicado.

Zarbi regressa e serve-se de sangria.

Clara – Conhece bem o padre Dessaint?

Zarbi – Os padres quase nunca fazem psicanálise. É uma pena, porque são talvez os que mais precisam.

Clara – Tenho a certeza de que já o vi, mas não me lembro de onde.

Zarbi – Há coisas que a memória prefere esconder. Chamamos a isso recalcamento.

Alex – Como Germaine... Eu não sabia que tinha uma tia, mas quando soube da existência dela não fiquei propriamente surpreendido. Devo ter ouvido falar dela em criança.

Zarbi – Os segredos de família são como cadáveres atirados ao rio com uma pedra presa aos pés: mais cedo ou mais tarde, com a decomposição, acabam por vir à tona.

Alex – Tia Germaine...

Zarbi – Rejeitada pela família por ter colaborado com a Alemanha nazi.

Silêncio.

Clara – Quando era adolescente, gozavam comigo porque já tinha um peito enorme. Nem sei porque é que me lembrei disso agora.

Zarbi – E o padre Dessaint? Talvez isso lhe diga alguma coisa...

Novo silêncio. Clara perturba-se.

Clara – Já sei! Lembrei-me... A primeira comunhão, as aulas de catequese... Era ele!

Alex – Ele?

Clara – Queria fazer a primeira comunhão como as minhas amigas. Fui educada numa escola católica.

Alex – Nunca me disseste isso. Estás sempre a defender o ensino público!

Zarbi – Tem de se habituar, meu caro. As mulheres não contam tudo. Nem a sua santa mãe, que lhe escondeu a existência da tia colaboracionista.

Clara – O padre sabia que eu tinha origens judaicas. Disse que podia fechar os olhos... desde que eu também fechasse os meus.

Clara sai precipitadamente. Petit regressa e aumenta a música.

Petit – Adoro esta passagem...

A baronesa regressa.

Baronesa – Aqui já nem nos ouvimos!

Zarbi – Pelo contrário. Começamos finalmente a compreender-nos.

Petit – Dizem que a música amansa as feras... E abafa os gritos.

Leroy regressa.

Leroy – Senhora baronesa, os meus respeitos. Concede-me esta dança?

Baronesa – Lamento, coronel. Abaixo de general, não aceito ninguém no meu cartão de baile. A não ser que seja muito jovem.

Leroy – Mas baronesa também é o título mais baixo da nobreza, não é?

Baronesa – E só um militar é capaz de dançar ao som de Wagner.

Petit – Como ninguém dança, vou baixar a música.

Baixa o som.

Leroy – Vamos felicitar a senhora Martin pela sangria?

Zarbi – Sim, e pedir-lhe a receita.

Petit – Sabem que nunca nos revelou o segredo.

Leroy – Esquecem-se de que já estive na guerra. Sei muito bem como obrigá-la a falar.

Petit – Que homem extraordinário...

Petit e Leroy saem. Clara regressa.

Alex – Estás bem? Estás tão pálida...

Clara – Estou, estou melhor... Não devia estar, mas estou. Foi um alívio.

Alex não parece compreender.

Zarbi – Acho que ela finalmente matou o padre.

Zarbi sai.

Alex – São todos malucos.

Clara – E estou a começar a sentir que a loucura deles é contagiosa.

Alex *(distraído)* – A sério?

Clara – Acho que perdi a cabeça com o padre Dessaint. Tentou voltar a tocar-me no peito e empurrei-o com bastante força.

Alex – Mas há um tesouro nesta casa, disso tenho a certeza. Viste-os? Procuravam todos por todo o lado.

Clara – Vamos procurar também.

Alex – Mas por onde começamos?

Clara – Primeiro temos de os revistar a todos antes de se irem embora.

Alex – Há dez minutos queríamos deixá-los levar tudo o que quisessem para nos poupar trabalho.

Clara – Nem pensar! *(Um pouco histérica.)* O tesouro é nosso! E vamos encontrá-lo!

Começam a procurar. A senhora Sanchez regressa. Param quando dão conta de que ela os observa.

Alex – Ah, senhora Sanchez...

Clara – É a porteira, não é?

Sanchez – Estou à procura daquela senhora... A Sam. Não a viram?

Clara – Não.

Alex – Então é a senhora a porteira...

Sanchez – Hum-hum.

Clara – É a si que vamos dar a gratificação de Ano Novo, portanto.

Alex – Espero que a minha tia fosse generosa consigo.

Sanchez – A Germaine? Nunca. Limpei-lhe a casa todas as semanas durante trinta anos. Nem uma gorjeta.

Alex – Temo que nós não tenhamos dinheiro para continuar a pagar-lhe a limpeza.

Clara – Não temos um tesouro escondido como a tia Germaine.

Sanchez – Não, generosa é que ela não era.

Alex – Mas parecia tão querida pelos vizinhos...

Sanchez – Prometia a todos que não se esqueceria deles no testamento.

Alex – No testamento? Havia um testamento?

Sanchez serve-se de sangria.

Sanchez – Ninguém encontrou nada depois da morte. Mas quem sabe? Talvez também acabe por vir à superfície... Com licença, tenho de falar com o comissário... Quero dizer, com aquela puta.

Sanchez sai.

Alex – Um testamento! Isso mudava tudo!

Clara – Porquê?

Alex – Sou apenas o sobrinho-neto. Herdei porque ninguém encontrou um testamento a designar outra pessoa.

Clara – Mas és o único familiar que lhe resta.

Alex – Sou o herdeiro por defeito! Se houver um testamento, ela pode ter deixado o apartamento a outra pessoa. A um dos vizinhos, por exemplo!

Clara – Então, se alguém o encontrasse...

Alex – Voltávamos para o nosso antigo apartamento nos arredores.

Clara – Achas que é isso que estão à procura? Do testamento?

Alex – Seja como for, era melhor encontrá-lo antes deles.

Clara – Mas não podemos expulsá-los agora...

Alex – Onde raio é que a velha escondeu o maldito testamento?

Clara – Vamos procurar no quarto.

Saem. Sam entra e recomeça a procurar. A senhora Sanchez aparece.

Sanchez – Comissário, andava à sua procura. Parece que o padre Dessaint também sofreu um acidente doméstico. Vi o corpo dele esborrachado no pátio.

Sam – Esta varanda deve ser mesmo perigosa. É preciso mandar reparar o parapeito, senhora Sanchez. Vou avisar a administração do condomínio.

Sanchez – Estou a dizer-lhe que morreu alguém e é só isso que tem a dizer?

Sam – Tem razão. Vou lá ver.

Saem. Martin regressa com Petit e o coronel Leroy.

Martin – Não teve tato nenhum, coronel. Não precisávamos de mais um cadáver.

Petit – Agora as coisas começam a parecer suspeitas.

Leroy – Mas não fui eu, juro! Abanei-o um bocadinho e deixei-o com a dona da casa.

Martin – Seja como for, tratem de fazer desaparecer o corpo. Ponham-no na cave, por enquanto. Depois vemos.

Leroy – Eu trato disso.

Petit – É um padre. Ninguém vai notar que desapareceu. Já ninguém vai à missa.

Leroy – Sobretudo à missa em latim.

Martin – Vá lá, coronel, de que está à espera?

Leroy – Vou já.

Leroy sai.

Petit – E pensar que talvez fosse a única pessoa que sabia onde está o testamento de Germaine...

Martin – Tem a certeza de que existe?

Petit – Fui eu que lhe sugeri que fizesse um. Jurou-me que o tinha escrito.

Martin – Mas não deixou nenhum documento no notário.

Petit – Pode ter feito um testamento escrito pelo próprio punho.

Martin – Como assim?

Petit – Uma declaração manuscrita, numa simples folha de papel. É perfeitamente legal, desde que a encontremos.

Martin – Para que serve escrever um testamento se depois o escondemos de modo que ninguém o encontra?

Petit – Talvez tivesse receio de que fosse parar às mãos de pessoas mal-intencionadas.

Martin – O papel tem de estar algures!

Petit – Claro que um testamento poria em causa a herança daquele sobrinho distante.

Martin – Desde que a velha tenha deixado tudo a nós.

Petit – E onde se meteram aqueles dois idiotas?

A senhora Sanchez entra.

Petit – Como limpava a casa de Germaine, não sabe onde guardava os documentos importantes?

Sanchez – O que é que julga? Lá por fazer limpezas não quer dizer que ande a mexer nas coisas dos outros!

Zarbi entra, seguida de Leroy.

Martin – E a senhora Zarbi? Tem alguma ideia?

Zarbi – Sou psicanalista, não vidente.

Petit – Mas conhece os segredos da mente humana.

Zarbi – Já leram «A Carta Roubada», de Edgar Allan Poe?

Martin – Não sabia que Poe nos tinha enviado uma carta. É um novo inquilino?

Zarbi – Por vezes, para esconder alguma coisa, o melhor é deixá-la à vista, onde ninguém se lembra de procurar.

Zarbi sai.

Leroy – Detesto aquele ar misterioso e aquelas lições que nos está sempre a dar.

Martin – Bem à vista... Talvez tenha razão. O que é que está mais à vista nesta sala?

Olham em volta, perplexos, sem reparar no quadro que domina a sala. Recomeçam todos a procurar. Entra a senhora Crampon.

Sra. Crampon – Acho que encontrei alguma coisa!

Todos se voltam para ela. Mostra uma peruca.

Martin – O que é isso?

Sra. Crampon – Uma peruca.

Leroy – E então?

Martin – Vai dizer que Germaine era afinal um travesti?

Sanchez – Deve ser uma recordação.

Petit – Uma recordação?

Sanchez – A peruca que usou depois da guerra, quando lhe raparam o cabelo por ter colaborado com os nazis.

Sanchez põe a peruca. Alex e Clara regressam.

Alex – O que estão a fazer com isso?

Martin – Já não se pode brincar?

Leroy – Estão sempre a vigiar-nos! Isso já irrita.

Clara – Nós é que vos estamos a vigiar?

Alex – Estamos em nossa casa, não estamos?

Petit – Por enquanto...

Clara – Por enquanto? O que quer dizer?

Leroy – Sabe perfeitamente. Não têm qualquer direito moral a estar aqui. Nem conheciam Germaine.

Alex – Mas sou família dela. Há laços de sangue. E a lei é a lei. Quer gostem quer não, o apartamento é meu.

Sanchez – Nem sequer foi ao funeral!

Clara – E vocês só cuidavam dela à espera de aparecerem no testamento!

Martin – A vossa tia detestava esquerdistas. Nunca teria deixado os bens a gente como vocês.

Alex – Já me estão a dar cabo da cabeça...

Leroy – Não falte ao respeito à senhora Martin! Quer acabar como a sua tia?

Alex – Então é verdade! Foram vocês que mataram Germaine?

Petit – Calma, coronel. Toda a gente sabe que a tia Germaine morreu num acidente.

Bernard entra, seguida de Sam.

Clara – Pensava que tinha sido um ataque cardíaco. Não era, doutora?

Bernard – Na verdade, não sabemos exatamente...

Alex – Mas foi a senhora que assinou a certidão de óbito, não foi?

Bernard – A medicina legal não é uma ciência exata.

Clara – Mas deve saber se morreu do coração, de uma queda do sétimo andar ou com uma bala nas costas!

Alex – Ou de uma dose excessiva de comprimidos, ou estrangulada!

Sra. Crampon – Bem vistas as coisas, um bocadinho de tudo...

Um silêncio sepulcral.

Sanchez *(em voz baixa, a Sam)* – De que está à espera para os prender?

Sam – Preciso de mais provas. Deixe a polícia trabalhar.

Sam sai, seguida de Sanchez.

Petit – Parece-me que a senhora Crampon bebeu sangria a mais. Talvez fosse melhor o marido levá-la a apanhar ar ao terraço.

Sr. Crampon – Anda, querida...

Sra. Crampon – Ainda me aguento de pé!

O senhor Crampon leva a mulher para o terraço. Zarbi regressa e serve-se de sangria.

Petit – Parece que todos abusámos um pouco deste delicioso elixir da senhora Martin.

Bernard – E continua a dever-nos a receita!

Zarbi – O segredo da sangria, tal como o de uma boa reunião de família, é deixar tudo a marinar no mesmo líquido durante muito tempo.

Sai, cambaleante, bastante embriagada.

Petit – Enfim, precisamos todos de recuperar a calma. Estamos aqui para celebrar a Festa dos Vizinhos e a memória da nossa querida defunta.

Martin – Sim, muito querida... E saiu-nos bem cara!

Bernard – E o que faz na vida, meu caro Alex?

Alex – Trabalho numa editora. Sou responsável por uma coleção de guias de viagem.

Martin – Guias de viagem? Que interessante!

Petit – Então é um grande viajante.

Alex – Também se pode escrever romances policiais sem ser polícia nem criminoso.

Clara – Infelizmente, hoje em dia até se escrevem romances sem se ser romancista.

Bernard – E a menina?

Clara – Sou professora de inglês.

Martin *(distraída)* – Ah, muito bem...

Bernard – Imagino que para ensinar inglês ainda é preciso saber falar inglês.

Clara – Sim... Mas há tão poucos professores que talvez em breve já nem seja obrigatório.

Martin – Como os médicos. Já quase não há! Temos de os ir buscar ao estrangeiro. Imagine que o meu é negro!

Petit – Não me diga!

Bernard – Com os padres é igual. Dada a falta de vocações, em breve nem será preciso acreditar em Deus para celebrar missa.

Petit – Ou sequer ser católico. Já falam em transformar igrejas em sinagogas.

Bernard – Não era em mesquitas?

Petit – Sim, vai dar ao mesmo.

O senhor Crampon regressa.

Sr. Crampon – Mais um copinho de sangria?

Martin – Venha daí!

O ambiente fica pesado.

Alex – Não, obrigado.

Clara – Eu também não. Já bebi que chegue.

Alex – E já começa a ser tarde, não é?

Martin – Só mais um copinho para a despedida.

Sr. Crampon – Não vamos separar-nos assim, acabámos de nos conhecer!

Martin entrega um copo a Alex e a Clara, que se obrigam a beber.

Bernard – É boa, não é?

Clara – Sim... Acho que vou vomitar.

Alex – Eu vou contigo.

Preparam-se para sair a correr.

Martin – Sabem onde fica a casa de banho?

Bernard – Ao fundo do corredor, em frente.

Alex e Clara saem.

Petit – Isto é horrível! O que é que põe na sangria?

Sr. Crampon – Não quer envenenar-nos também para ficar com a herança sozinha, pois não?

Bernard – Ora essa! Sabem que o caso de Germaine foi um infeliz acidente.

Petit – No máximo, um homicídio involuntário, à luz da lei.

Martin – Um acidente doméstico com um pequeno erro médico, digamos.

Sr. Crampon – Mas se não encontrarmos o testamento, não recebemos nada.

Martin – A velha enganou-nos a todos.

Bernard – Mas existe mesmo esse testamento?

Sanchez regressa.

Sanchez – Procurámos em toda a parte.

Petit – E se aqueles dois já o tiverem encontrado?

Bernard – Aqueles dois?

Petit – Os dois bisbilhoteiros!

Martin – E o tiverem feito desaparecer?

Bernard – Seria do interesse deles.

O coronel Leroy regressa.

Leroy – Vamos interrogá-los.

Bernard – Mas sem violência desnecessária.

Leroy – Esperamos que regressem.

Martin – Já procurámos por todo o lado aqui.

Sr. Crampon – Enquanto estão na casa de banho, aproveitemos para revistar o resto do apartamento.

Martin – Afinal, a minha sangria tem as suas vantagens!

Saem. Alex e Clara regressam.

Alex – Achas que já se foram embora?

Clara – Duvido. Não enquanto não encontrarem o testamento.

Alex – Onde terá a velha escondido aquilo?

Clara – Num cofre?

Alex – Nos filmes, os cofres costumam estar atrás dos quadros.

Os dois tentam retirar o retrato da parede.

Alex – Porra, isto pesa!

Encostam o retrato a um móvel.

Clara – Nada de cofre.

Alex parece reparar em qualquer coisa nas costas do retrato.

Alex – Mas olha para isto...

Virando o retrato, descobrem um texto escrito nas costas da tela.

Clara – O testamento da tia Germaine...

Assustados, voltam a virar o retrato, escondendo o texto.

Alex – Faz uma impressão estranha.

Clara – Parece uma mensagem de um fantasma.

Alex – E agora?

Clara – Podemos fingir que nunca o encontrámos.

Alex – Ou destruí-lo, por segurança, e fingir que nunca existiu.

Clara – Se calhar deixou-te o apartamento na mesma. Tu não sabias que ela existia, mas ela sabia que tinha um sobrinho-neto, não sabia?

Alex – Seria bom demais. Não podemos contar com isso.

Clara – Vamos primeiro ler o que lá está e depois decidimos se o destruímos.

Alex – Assim evitamos um dilema moral complicado.

Clara – Se conseguirmos ficar com este belo apartamento sem desrespeitar as últimas vontades de uma velha antissemita.

Alex – Ainda vou a tempo de discutir com a minha consciência se o testamento me tirar a herança legítima.

Clara – Uma herança conseguida à custa da deportação e do roubo das casas dos meus antepassados judeus.

Alex – Vendo bem, seria uma maneira de recuperares o que lhes roubaram.

Clara – Uma espécie de reparação histórica, queres dizer?

Alex – É um raciocínio um bocado jesuíta, mas aceito.

Clara – E o apartamento é tão bonito...

Alex – Vou ler. Tenta entretê-los um bocadinho lá fora.

Clara vai para o corredor. Alex volta a virar o retrato e lê o que está escrito atrás.

Alex – Que cabra!

Volta a colocar o retrato no sítio. Clara regressa com o senhor Crampon.

Sr. Crampon *(insistente)* – Portanto, vamos ser vizinhos...

Clara – Sim... Talvez. A Sam queria falar consigo em particular, se não me engano.

Sr. Crampon – Em particular?

Clara – Não quero precipitar-me, mas acho que ficou muito impressionada consigo. Está no terraço.

Sr. Crampon – Vou já...

O senhor Crampon sai.

Clara – Então?

Alex – Aos vizinhos deixa só os móveis e os bibelôs.

Clara – E o apartamento?

Alex – Deixa-o a duas associações.

Clara – Uma maneira de limpar a consciência antes de morrer, depois de todas as porcarias que fez ao lado do marechal Pétain.

Alex *(embaraçado)* – Bem, é que...

Clara – Que associações?

Alex – Tenho de voltar a ler. Só tive tempo de olhar por alto.

Clara – Não temos muito tempo. Precisamos de decidir.

Alex – Então o que fazemos?

Alex hesita.

Clara – São as últimas vontades de Germaine.

Alex – E não é fácil fazer desaparecer um quadro deste tamanho.

Clara – E se alguém um dia olhar para trás dele...

Alex – Então desistimos? Contamos que encontrámos o testamento?

Clara – Imaginas-nos a viver aqui, rodeados destes psicopatas que talvez tenham torturado e assassinado a tua tia para lhe arrancar o segredo do tesouro?

Alex – Podíamos ser os próximos.

Um momento de hesitação.

Clara – E o apartamento nem é assim tão extraordinário.

Alex – Vá lá, não exageres. Tens de ser minimamente convincente.

Clara – Porra... Um apartamento no centro de Paris com vista para a Torre Eiffel!

Alex – Por outro lado, também ia pagar uma fortuna de imposto sucessório.

Clara – Tens razão. Talvez seja melhor desistir.

Alex – Vamos contemplar a Torre Eiffel uma última vez.

Clara – Não compliques as coisas...

Alex – Ainda podemos mudar de ideias.

Saem. Martin regressa com os restantes vizinhos, exceto Sam, a baronesa e o padre Dessaint.

Martin – Nada!

Sr. Crampon – A velha gozou connosco até ao fim.

Bernard – Teremos de aceitar que todos estes anos de dedicação abnegada a uma ingrata não vão ser recompensados.

Leroy – Pois. Matámos a velha para nada.

Alex e Clara regressam.

Petit – E, claro, vão dizer que também não encontraram nada?

Alex – Bem, nós...

Para surpresa de Alex, Clara faz-se de inocente.

Clara – Encontrar o quê?

Mas o quadro, mal pendurado, cai da parede. Todos veem o que está escrito atrás.

Petit – O testamento de Germaine!

Bernard – Graças a Deus!

Sr. Crampon – Nunca devemos perder a fé na humanidade.

Martin – Nas costas de um quadro?

Sra. Crampon – Isso é válido?

Petit – A lei diz que um testamento tem de ser escrito à mão, mas não indica em que suporte. Até já foi considerado válido um testamento escrito com sangue na parte lateral de uma máquina de lavar.

Sanchez – E então? O que diz?

Petit – Vou ler.

Põe os óculos e pigarreia. Alex e Clara trocam um olhar resignado.

Petit – «Este é o meu testamento autêntico, escrito pelo meu próprio punho, e que revoga todos os anteriores...»

Martin – Podemos saltar as formalidades?

Petit – «Deixo o meu apartamento em Paris, metade a uma associação que combate o racismo e o antissemitismo, e a outra metade a uma associação que pretende reabilitar a memória do marechal Pétain, chefe do regime francês que colaborou com os nazis.»

Zarbi – Isto é que é dividir a herança ao meio.

Sr. Crampon – Se tiverem de partilhar o apartamento, vai ser uma bela convivência...

Desilusão geral.

Bernard – É só isso?

Petit – «O retrato fica para a senhora Martin, na qualidade de administradora do condomínio. Deverá ser colocado na entrada do prédio, para que todos possam apreciá-lo.»

Martin – Fantástico...

Petit – «Segue-se a lista de todos os objetos sem valor deste apartamento, até à última colherzinha, legados individualmente a cada um dos presentes. O vaso chinês pertence, em partes iguais, à baronesa e à porteira.»

Clara – Afinal, a tia Germaine tinha sentido de humor.

Martin contempla o retrato.

Ângela – Para todos o apreciarem! Aquele horror? A velha está a gozar connosco até depois de morta!

Alex – Um bocadinho de respeito, era a minha tia.

Petit – Que, graças a este testamento, acaba de o deserdar.

Sra. Crampon – Que cabra!

Sanchez – Não vamos pôr aquilo na entrada.

Martin – Talvez sirva para afugentar ladrões.

Sr. Crampon – Acho que já não temos nada a fazer aqui.

Alex – E o testamento? O que fazemos com ele?

Bernard – Faça o que quiser. Em qualquer dos casos, nós não herdamos nada de jeito.

Sra. Crampon – Só esta tralha sem valor.

Sr. Crampon – Queime-o. Assim fica com o apartamento por direito.

Bernard – Seja o senhor ou outro qualquer, para nós, como vizinhos, vai dar ao mesmo.

Martin – E já é quase da família.

Petit – Voltaremos a ver-nos muitas vezes...

Preparam-se para sair.

Sra. Crampon – Obrigada por esta noite encantadora.

Martin – E mais uma vez, os nossos sentimentos.

Saem um a um, apertando a mão a Alex e Clara ou beijando-os com ar solene, como num funeral. Quando a última pessoa sai, ambos suspiram.

Alex – Voltámos à estaca zero.

Clara – Não exatamente. Ainda temos de decidir o que fazer com o testamento.

Alex – Agora há demasiadas testemunhas para o fazermos desaparecer. Podiam chantagear-nos.

Clara – Então?

Alex – Não sei.

Clara – Seja como for, já não quero passar aqui a noite.

Alex – Nem eu. O que fazemos ao quadro? Quero dizer, ao testamento.

Clara – Não podemos levá-lo. Pesa uma tonelada.

Alex – A noite é boa conselheira. Amanhã decidimos.

Clara – Voltemos para a nossa casa nos arredores de Paris. Não temos vista para a Torre Eiffel, mas ao menos é nossa.

Alex – Era bom demais para ser verdade.

Clara – Sempre podes transformar esta história num romance.

Alex – Ou numa peça de teatro.

Clara – Se for um êxito, talvez consigas comprar um apartamento com os direitos de autor.

Alex volta a pendurar o retrato e olha para ele uma última vez.

Alex – Tinhas razão. Era mesmo o marechal Pétain.

Clara – Quando ainda era tenente...

Alex – Volto a ligar o alarme ao sair?

Clara – Com o que há aqui para roubar...

Alex – Vou ligá-lo na mesma.

Saem.

Escuridão.

Um feixe de luz de uma lanterna varre a sala. Depois surge outro. Os feixes cruzam-se. Alguém carrega num interruptor, iluminando a sala. Vemos duas pessoas vestidas de Pai Natal.

Sam – Ora esta... concorrência!

Baronesa – E agora, o que fazemos?

Sam – Não vamos chamar a polícia, pois não?

Tiram as barbas postiças: são Sam e a baronesa.

Baronesa – Deduzo que não é mesmo da polícia.

Sam – Tal como a senhora não é mesmo baronesa.

Baronesa – Somos do mesmo género, você e eu.

Sam – De que género?

Baronesa – Do género de mudar mais vezes de identidade do que de cuecas.

Sam – Quem lhe disse que era polícia? Quer dizer, que fingia ser?

Baronesa – Quando se quer guardar um segredo, não se deve contá-lo à porteira. *(Olha para os dois disfarces.)* É curioso termos tido a mesma ideia.

Sam – Nesta altura do ano, um Pai Natal passa despercebido. Sobretudo à noite.

Baronesa – E inspira confiança.

Sam – Suponho que também não veio deixar presentes debaixo da árvore.

Baronesa – Não... Então dividimos?

Sam – Se houver alguma coisa para dividir.

Inspecionam a sala.

Baronesa – O espólio parece-me bastante fraco.

Sam – Tinha informações seguras. A senhora também, imagino.

Baronesa – Diziam que a velha guardava uma fortuna em casa. Parece que eram apenas rumores.

Sam – E um cofre?

Vão espreitar atrás do quadro.

Baronesa – Nada atrás do quadro.

Sam – E o quadro?

Examinam-no.

Baronesa – Uma bosta.

Sam – Tanto trabalho para nada!

Baronesa – Eu que contava com isto para devolver algum brilho ao meu título...

Sam – E eu para ganhar um belo bronzeado numa praia tropical.

Baronesa – Afinal, o Pai Natal não existe.

Sam – Vamos embora.

Baronesa – Vou ficar mais um bocadinho. É melhor não sairmos ao mesmo tempo.

Sam – Tem razão. Dois Pais Natais juntos chamam a atenção.

Baronesa – Ficamos sem saber qual é o verdadeiro.

Sam sai. A baronesa espera que ela se afaste e raspa discretamente a moldura com a unha. Sam regressa, desconfiada, e apanha-a a fazê-lo.

Sam – Agora que penso nisso... A moldura é pesadíssima, não é?

Baronesa – É ouro maciço.

Sam – Já sabia?

Baronesa – Às vezes ia tomar chá com Germaine. Um dia deitei-lhe uma pastilha no chá. Sob o efeito de ecstasy, era uma senhora encantadora.

Contemplam o quadro.

Sam – Um belo presente de Natal.

Baronesa – Sim. Mesmo dividido ao meio...

Sam – Com este peso, vamos precisar de mais do que um par de braços para o levar.

Baronesa – Afinal, temos de agradecer à tia Germaine.

Sam – E agora vamos provar que o velho ditado está errado...

Baronesa – Que ditado?

Sam – «Bens mal adquiridos nunca dão bom proveito.»

Baronesa – Ora, não sou supersticiosa.

Despenduram o quadro. Dispara um alarme ensurdecedor. Olham uma para a outra, horrorizadas.

Sam – Era mesmo uma grande cabra!

Escuridão.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Paris - Dezembro 2016
© La Comédiathèque - ISBN 978-2-37705-066-6

Documento para download gratuito